

MANDALAS EM MOVIMENTO: A POÉTICA DAS DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS¹

Juliane Jantsch²
Rosane Kloh Biesdorf³

Resumo

Este artigo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica que tange sobre o círculo e sua presença nas mandalas e nas danças circulares. Primeiramente, localiza-se o leitor acerca da sociedade atual, sendo que vive-se dentro de uma modernidade, considerada pelo pensador Baumann (2007) como líquida, e que em virtude do acelerado processo de mudanças tecnológicas, afasta as pessoas cada vez mais de seu centro ou de sua essência. Desse modo, apresenta-se dois possíveis caminhos que levam a essa conexão: as mandalas, que são desenhos e/ou pinturas de ordem circular, cujo objetivo é a expressão da interioridade de seu ser, possibilitando a conexão consigo mesmo; e as danças circulares sagradas, que em sua formação, tornam-se mandalas em movimento, devido ao seu compasso que ora faz o dançarino entrar, ora sair, ora gira, ora vai ou volta, expressando assim o movimento da vida e a conexão com o Divino.

Palavras-chave: Círculo, Mandala, Danças Circulares, Conexão.

1- INTRODUÇÃO

A dança é uma prática que está presente desde que se tem registro da humanidade, sendo um meio de expressão. Pessoalmente, a dança faz parte da minha vida, desde a infância, intensificando-se na adolescência quando comecei a participar de um grupo de danças folclóricas, sendo que sempre foram momentos prazerosos. A possibilidade de entrar na roda, e formar um só círculo em movimento, foi-me possibilitada na pós-graduação em Psicologia Transpessoal, pela Unipaz de Porto Alegre, com pólo na cidade de Faxinal do Guedes, SC, e foi uma experiência maravilhosa, de me sentir acolhida e parte do todo.

¹ Artigo de conclusão do curso de Especialização em Psicologia Transpessoal promovido pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FACISA (CELER FACULDADES).

² Pós graduanda em Psicologia Transpessoal. Professora de Artes, no município de Tunápolis, SC, e na rede estadual de SC, na unidade escolar Padre Vendelino Seidel, em Iporã do Oeste.

³ Orientadora. Mestrada em Educação pela UFSCar – Universidade Federal de São Carlos-SP, Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Arte Plásticas, pela Unoesc – Universidade do Oeste de Santa Catarina, *campus* de São Miguel do Oeste, SC.

Vivemos em um momento de crises, mudanças ocorrendo em processos acelerados. Desde a Revolução Industrial quando a máquina passou a substituir o trabalho humano, as relações passaram a ter novas configurações. As tecnologias foram se inserindo e hoje não vivemos mais sem elas. Por um lado, essas tecnologias facilitam nossas vidas, tornando as distâncias mais curtas, ou mesmo inexistentes, por meio das tecnologias de informação, quando situações podem ser resolvidas instantaneamente com pessoas do outro lado do mundo.

Situação que se agravou ainda mais após a pandemia do COVID-19, momento em que as pessoas foram privadas de convívio social, e se refugiaram atrás das telas, imergindo para um mundo virtual e em contrapartida elas nos roubaram as relações diretas, já que tudo se faz por meio das tecnologias como conversar com amigos: por meio da internet e do celular. Ou seja, o contato humano não é mais o mesmo, muita coisa passou a ser realizada a distância, as tecnologias provocam mudanças e interferem na construção identitária das pessoas.

As questões pertinentes à modernidade, considerada por Bauman (2008) como modernidade líquida, já que tudo é momentâneo, interferem na construção da identidade contemporânea, mas acima de tudo nos distanciam cada vez mais da nossa essência, nos separando em: mente e corpo. A mente funciona rapidamente, pois cada vez mais se trabalha com o intelecto, esquecendo do corpo, que muitas vezes está parado apenas ocupando um espaço físico mas ausente e indiferente ao seu entorno. Conseqüentemente deixam a sociedade cada vez mais acelerada e doente de espírito

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica, realizada com intuito de aprofundar os conhecimentos de duas sábias expressões milenares, cujo objetivo é trazer o autoconhecimento e a auto-observação, estabelecendo uma conexão com o seu centro. As mandalas, cujas manifestações acontecem de maneira espontânea na natureza, mas que são criações do inconsciente, por vezes representadas em forma de desenho ou pintura, e em seguida, a intenção de movimento destas, por meio das danças circulares sagradas.

Perceber o quanto esses dois temas também somam a educação, pois possibilitam um encontro com o interior, com seu centro, sua identidade, sem máscaras ou armaduras, uma educação para integralidade.

Busca-se para tanto diversas bibliografias, como Ostetto (2009, 2010 e 2015), Losacco (1997), Fioravanti (2007) bem como inferências de Jung (2011), que

dedicou grande parte de suas pesquisas ao estudo das mandalas. Ao escrever sobre as danças circulares usa-se como referência Wosien (2000), Ostetto (2009), bem como Stewart (2016) e Ramos (1998). Ao final, apontam-se algumas reflexões sobre a relevância do tema no contexto atual.

2 MANDALAS EM MOVIMENTO: A POÉTICA DAS DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS

2.1 O CONTEXTO ATUAL

Vivemos em um momento de crise, um mal-estar, nas palavras de Bauman, que abrange todos os setores da sociedade. Com os avanços tecnológicos tudo se tornou muito fácil e em tempo reduzido passou-se a viver em função de uma máquina, chamada relógio, que controla e cronometra nosso dia a dia. Bauman define esse momento como modernidade líquida. Segundo ele, “[...] a vida líquida-moderna é uma recitação diária da transitoriedade universal. Nada no mundo se destina a permanecer, muito menos para sempre” (2008, p. 142). Nada é estável e eterno, tudo muda muito rápido, o que fragiliza os seres humanos e suas relações. Segundo o autor, isso faz com que as pessoas não consigam organizar ou planejar o futuro, pois não sabem qual será o amanhã, ou, como será o amanhã, tornando as relações frágeis e instáveis.

Essa fragilidade pode ser compreendida pela citação de Melucci (*apud*, BAUMAN, 2008, p. 142) “Estamos contaminados pela fragilidade da condição presente, que exige um alicerce firme onde não existe alicerce algum. Ao contemplar a mudança, sempre nos dividimos entre o desejo e o medo, a expectativa e a incerteza”.

Fragilidade que só se intensificou com o COVID-19, quando as pessoas do mundo todo, foram obrigadas a ficar isoladas em suas casas, para fins de prevenção, passaram a usar as telas de televisores, computadores e principalmente de celulares como esconderijo e armadura, dos seus sentimentos e emoções.

Pensando-se nos escritos de Bauman (2007/2008) sobre o contexto mundial, e nas sociedades que de modo geral apresentam-se doentias, pode-se citar Weil, Leloup e Crema (2014) que, em coautoria, desenvolveram o conceito de normose. O livro, com o título Normose, subdivide-se em capítulos, sendo cada qual escrito por um dos autores, nesta obra Weil assim escreveu:

A normose pode ser considerada como o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir aprovados por um consenso ou pela maioria de pessoas de uma determinada sociedade, que levam ao sofrimento, doenças e mortes. Em outras palavras: que são patogênicas ou letais, executadas sem que seus autores e atores tenham consciência da natureza patológica. (grifo do autor, 2014, p.18)

No mesmo livro, Leloup, em seu capítulo, comenta que a normose causa sofrimento tal qual outras psicoses, e “[...] é o que nos impede de nos tornarmos realmente o que somos. Um dos sintomas da normose é quando o consenso e a conformidade impedem a orientação do desejo no interior de nós mesmos” (LELOUP, 2014, P. 21)

Retomando a Bauman (2007), que define que a sociedade está mergulhada na modernidade líquida que mantém a fragilidade nas relações assim como as mudanças exacerbadas, que não permitem uma consolidação de hábitos e rotinas. A partir desses aspectos, as pessoas cada vez mais se tornam individualistas, visto que a fragilidade que se instaura nos relacionamentos suscita isso. Hargreaves (*apud*, BAUMAN, 2008, p. 160) aponta que: “as emoções são extraídas desse mundo faminto de tempo das relações enfraquecidas, sendo reinvestidas em coisas consumíveis [...]”. Parafraseando Bauman (2008), esse consumismo passa inclusive a tornar os seres humanos em mercadorias, produtos de consumo, sendo que, ao passar a validade, ou a relação se tornar desgastante, pode ser jogada no depósito de lixo.

Unindo as duas teorias, pode-se afirmar que a fragilidade das relações decorrentes dessa sociedade de consumo, descrita por Bauman (2008), é um dos tipos de normose descritas por Weil, Leloup e Crema (2014). Comprar e descartar tornou-se “normal”, consequência de uma cultura midiática e imediatista, para a qual os autores cunharam o termo “informatose”, que é a normose advinda da

informática, considerada pelos autores, muito perigosa. Pode-se observar que gradualmente existem mais mecanismos e ferramentas “normóticas” que afastam o ser humano de si mesmo.

2.2 O CÍRCULO

Levando em consideração os escritos de Bauman, bem como Weil e Leloup, pode-se dizer que toda essa correria distancia o ser humano cada vez mais de seu centro, de sua unidade. Complementando Bauman cita-se Wosien (2000, p. 15):

Tudo o que é em si dividido, tudo o que perdeu seu sentido, aspira ardentemente pela unidade. Nunca se ambicionou tanto a interligação dos contrários como em nossos dias. Inquietação, pressa, medo, por seu lado, correspondem, por outro, a uma ânsia profunda pela calma, que promete o espírito visionário do Deus sol e conjura o monstro furioso.

A representação simbólica dessa totalidade, desse uno é o círculo, conforme Ostetto (2009, p.183) parafraseia Jaffé:

O círculo é a fonte de toda geometria e o seu maior mistério. Na geometria sagrada, o quadrado representa a matéria, o fenômeno, a estabilidade e a solidez, enquanto o círculo representa o espírito, a essência, a transcendência. Um o mundo terreno; outro o mundo celeste.

Este símbolo está presente em todas as culturas e em todos os tempos, desde as primeiras manifestações em cavernas, quando o círculo era representado, perpassando por diferentes culturas. Ostetto (2009) descreve o círculo com um ponto no centro, e na tradição Guarani, esse ponto central é denominado Ñamundu, que significa o grande mistério, o imanifesto, o Um.

Desse modo, além de simbolizar a unidade, também é um símbolo carregado de poder e mistério. A criança vinda recentemente do divino e ainda conectada com o mesmo, assim se expressa em seus primeiros desenhos, pois o círculo é a

primeira forma que consegue representar. Neumann (apud, LOSACCO, 1997, p.11) afirma que o ato de desenhar mandalas ajuda a estabelecer nossa identidade, além de estar diretamente relacionado ao aspecto maturacional da psique. As crianças, ao iniciar seus grafismos, constroem mandalas (garratuñas) espontaneamente nos primeiros momentos de maturação psiconeurológica. Isso acontece nos primeiros anos de vida, mostrando que é natural e inato o fato de encontro, desencontro e reencontro com o self.

O círculo está presente em tudo, basta observarmos a natureza para ver o quanto este símbolo se mostra. Podemos citar como exemplos as frutas que ao serem cortadas ao meio apresentam-se como mandalas naturais, as árvores que ao serem cortadas apresentam elos mandálicos que se formam com a idade das mesmas. Buscando organismos menores, podemos ainda falar das células que igualmente se formam circulares. Ostetto em seu artigo cita Black Elk (2009, p.183) que complementa ainda que o céu é redondo e a terra também, as estrelas e os astros celestes assim se apresentam, e os animais constroem seus habitats de maneira circular, assim como os ninhos de pássaros. E as primeiras casas, ou tendas, também eram construções circulares.

2.3 AS MANDALAS

Nesse espaço sagrado que é o círculo existem muitas possibilidades. Ao pensar o círculo como desenho, lembra-se das mandalas, palavra de origem sânscrita cujo significado é círculo ou centro (OSTETTO, 2009), mas que em sua formação também pode assim ser interpretada “manda = essência + la = conteúdo, ou seja, “o que contém a essência” ou “o círculo da essência”” (AMARANTHUS, 2012, p. 06).

Fioravanti (2007, p. 07) afirma que a palavra mandala “[...] faz pensar em energia, em algo misterioso [...]”. Os orientais fazem uso de imagens circulares coloridas, ricamente ornamentadas, com cores e formas. Essas imagens fazem parte de diferentes tradições, cumprindo funções religiosas, rituais e meditações, sendo também a expressão da espiritualidade afirma Ostetto (2009).

Uma mandala representa uma célula, um disco solar ou lunar, um espaço que lembra um povo primitivo ao redor de uma fogueira, um ovo, uma fruta. É impossível dizer o que inspirou a criação da primeira mandala, mas é certo que encontramos mandalas já nos primórdios da evolução humana, pois há desenhos de mandalas nas cavernas pré-históricas, ainda que bastante simplificadas. (FIORAVANTI, 2007, p. 07)

Segundo Losacco, o homem, em diversos tempos da história, fez e faz uso das mandalas como forma de expressar-se, proporcionando a

[...] oportunidade de re-encontro com sua natureza essencial, com o sagrado, com o divino, com a numinosidade, pois além da necessidade de viver, sente a importância do uso do simbólico em suas manifestações para consigo mesmo, com os outros e com o universo onde está inserido. (1997, p.02)

Ostetto (2009, p. 184) cita Tucci que, ao falar da mandala, afirma que nela está contida a “complexa representação simbólica desse drama da desintegração e da reintegração cósmica” revivido pelo homem. Esse construir, desconstruir e reconstruir que faz parte do ser humano, dessa dualidade humana, mas que possibilita ampliar limites, e a mandala possibilita, por meio das meditações e produções das mesmas, esse contato com o centro da própria mandala, mas que simboliza o próprio centro, como Ostetto (2009, p. 184) comenta: “a morada da divindade, o ponto –instante que contém o infinito e o eterno -, pode estabelecer a conexão com seu próprio centro [...]”.

Jung foi um renomado psicólogo, que se dedicou ao estudo dos símbolos, dentre eles a mandala e assim a descreveu:

Essas imagens brotam de duas fontes. Uma delas é a inconsciente, que produz de modo natural fantasias dessa espécie. A outra fonte é a vida que, quando vivida com plena devoção, proporciona um pressentimento do si-mesmo, da própria essência individual. Ao expressar-se esta última nos desenhos, o inconsciente reforça a atitude de devoção à vida. De acordo com a concepção oriental, o símbolo mandálico não é apenas expressão mas também atuação. (JUNG, 2011, p. 19)

Ao contemplar, ou mesmo ao produzir a mandala, o indivíduo se toca pela força do símbolo, e é automaticamente conduzido ao centro. Para o autor, a mandala é a expressão do Self, “a totalidade da psique” (apud, OSTETTO, 2009, p.185). Jung assim definiu:

Só quando comecei a pintar mandalas vi que o caminho que seria necessário percorrer e cada passo que deveria dar, tudo convergia para um dado ponto, centro. Compreendi sempre mais claramente que a mandala exprime o centro e que é expressão de todos os caminhos: é o caminho que conduz ao centro, à individuação. (apud, OSTETTO, 2009, p.185)

Complementando os escritos de Jung, podemos citar Losacco (1997, p.11): “Ao trabalharmos com mandalas, podemos vivenciar momentos de clareza em que os opostos se equilibram na consciência, e experienciar uma realidade harmoniosa, paz e significado”.

Resumindo, Losacco afirma:

O ponto central de cada mandala é o nada, o vazio, portanto a Unidade e a Totalidade. Ali não há nada e, potencialmente, tudo. A natureza interior da mandala atua sobre a nossa natureza interior, e as duas se reconhecem devido às suas estruturas análogas. (1997, p. 07)

Fioravanti, em contrapartida, afirma que o centro é o ponto de onde tudo parece ter sido gerado, “[...] esse ponto representa a existência superior, a fonte de toda criação, Deus” (2007, p. 08). Esse centro podemos transferir também para o centro do criador, ou seja, a mandala é a expressão do centro do ser, do seu ser divino e sagrado. Jung (2011) partilha dessa mesma opinião de que a mandala é uma atuação mágica, um círculo de proteção ou ainda um círculo encantado. Fioravanti ainda coloca que “[...] o espaço interior, onde as formas se desenvolvem, é sagrado, aquilo que está fora é profano, o limite entre divino e mundano, entre consciência e a inconsciência [...] a linha circular é uma fronteira” (2007, p. 07-8).

Costa (1998, p. 24) cita Neumann que afirma que enquanto o homem existir, o círculo será a manifestação da perfeição, em que os opostos estão unidos, o que pode se atribuir às mandalas, já que não há divisão, há uma unidade, bem como a

outra formação circular, chamada de dança circular, que permite a união e o equilíbrio dos opostos, pois como afirma Ostetto (2009, p.186) “Sem começo nem fim, o círculo indica atividade, movimento cíclico e tem como característica a tendência a expansão, ao ilimitado. Por isso, é associado a mudança e as ideias de incorporar, dar e receber”.

2.3.1 Mandalas em movimento: danças circulares sagradas

Observar uma roda de dança circular remete simplesmente a uma mandala em movimento que ora expande, ora contrai, ora simplesmente gira, a compassos lentos ou agitados, ora vai, ora volta, permitindo a fluidez da vida.

Stewart (2016, p. 219) afirma:

O círculo talvez seja o mais antigo dos símbolos místicos e a mais universal de todas as danças. Ele é a terra e o sol em eterno movimento, uma linha ininterrupta, não vergada que simboliza a continuidade e a eternidade. A dança circular representa a totalidade das coisas [...]. A dança faz a vida completar um círculo.

A dança é uma das mais antigas artes. E como tal, demonstra a necessidade que o homem sente de se expressar. Fischer (1987), em sua obra *A Necessidade da arte*, coloca que a busca pela arte ocorre como “[...] o meio de colocar o homem em estado de equilíbrio com o meio circundante [...]” (1987, p. 11). Segundo o autor, o homem procura ser total, dessa forma encontra na arte um meio para representar sua realidade, já que sua individualidade não o satisfaz, busca um mundo mais compreensível, e que lhe tenha significação.

[...] o homem anseia absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; anseia por entender pela ciência e pela tecnologia o seu ‘Eu’ curioso e faminto de mundo até as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; anseia por unir na arte o seu ‘Eu’ limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade (FISCHER, 1987, p. 13, grifo do autor)

De acordo com Fischer (1987), nos primórdios da humanidade, a arte tinha sua origem na magia: a religião, a ciência e a arte estavam todas contidas nessa magia, buscando sempre a totalidade do ser, a integração do ser com o mundo. A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente. Essa magia, esse sagrado está presente em todo e qualquer tipo de arte, e a dança circular é uma ferramenta de busca e conexão com o mesmo.

Rodrigues afirma:

A dança nasceu junto com o próprio Universo, a partir da observação instintiva de que o **ritmo** é o elemento fundamental que domina o movimento cósmico. Todo o Cosmo se encontra em eterno movimento. Galáxias, estrelas, planetas, satélites constituem, desde o princípio infinito de sua existência, uma grande criação rítmica movendo-se através do espaço: planetas circulando sois; satélites circulando em torno de seus planetas; nosso próprio planeta girando ao redor de seu eixo. O desenho deste movimento eterno repete-se a cada átomo da matéria, e produz a sucessão também rítmica do dia e da noite, das marés, das fases da lua, das estações do ano. Neste Cosmo em perpétuo movimento, a vida segue em ciclo rítmico de nascimento, crescimento e morte que se mantem, graças ao ritmo dos batimentos cardíacos e aos outros reflexos automáticos do organismo humano. (grifo do autor, 1998, p. 47)

Refletindo sobre os escritos de Rodrigues, pode-se afirmar que o homem, observando a natureza e o cosmos, começou a dançar, criando passos e ritmos naturais, como meio de expressar inicialmente as alegrias, as tristezas, os medos, e com o passar do tempo, como Rodrigues (1998) mesmo afirma, a curar doenças, e aos poucos ritualizar a colheita, saudar a chuva e chegada da primavera. A dança antigamente fazia parte dos rituais e da vida comum do povo, como os nascimentos, casamentos, incluídos também os cultos religiosos (STEWART, 2016).

No mesmo sentido, Bonetti (1998, p. 111), em seus escritos poéticos, define que “A dança cósmica da criação do universo nos sugere que a vida é uma dança, uma sinfonia onde o movimento do macrocosmo se reflete no microcosmos que, por sua vez, reflete e exterioriza sua essência através da sua expressão ao dançar a Vida”.

Porém, ao observarmos nosso microuniverso, ou seja, o interior de nosso corpo “[...] a nível celular, também existe [um contínuo movimento rítmico [...]]” (EID,

1998, p. 155) pois as células estão em constante movimentação: oxigenando, excretando, nutrindo, defendendo, transformando e conduzindo o ritmo da vida.

Existem diversos registros referindo-se à dança em grupo no decorrer da história da humanidade, demonstrando sempre a necessidade de comunhão e partilha em grupo, cuja essência dessa prática encontra-se, no reencontro e “[...] como comunhão e transcendência [...]” (OSTETTO, 2010, p.46). Seguindo essa linha de pensamento, cita-se Rodrigues que em seu texto comenta que:

Nenhuma iniciação antiga é feita sem dança. Dois mil anos antes de Cristo, os sacerdotes de Osíris, que se dedicavam ao estudo da astronomia, já interpretavam seus conhecimentos através das danças. Nelas, um altar era colocado no centro do templo simbolizava o sol. Dançarinos giravam em torno, no sentido da evolução dos corpos celestes, com uma rotação calculada que evocava o espaço etéreo, como se estivessem flutuando junto aos planetas e estes lhes desvendassem seus mistérios. (1998, p.48)

Há registros também de que ao dançar vivenciavam os Deuses, o que pode ser confirmado por Platão (apud BONETTI, 1998, P. 116) que assim descreveu “a dança é um dom dos deuses e deve ser consagrada aos deuses que a criaram”. Complementando a pesquisa, cita-se a autora STEWART (2016), que em seus estudos descobriu que no Antigo Testamento há mais de doze verbos que designam a dança, em seus diversos momentos. Aprofundando as pesquisas, ela também encontrou a etimologia das palavras que designam o dançar em outras línguas.

A palavra hebraica *chôlethî*, geralmente traduzida como “produzir, causar”, também pode significar “girar em um círculo, rodopiar, retorcer, balançar ou estar em trabalho de parto”. A palavra hebraica para dança circular, *cholla*, se baseia nisso e também pode significar “dar à luz”. Atrás disso está o radical CHL, que se refere a qualquer esforço de estender o eu, de desenvolver ou de alongar. Ele também significa esperança e expectativa. (STEWART, 2016, p. 94)

Partindo da citação, pode-se dizer que o ato de dançar vai muito além de simplesmente mexer o corpo, é uma conexão com algo muito mais profundo, que já fazia parte da sabedoria dos povos ancestrais e cultivada em diversos rituais religiosos. Stewart (2016) coloca, a partir de suas pesquisas, que no início do

Cristianismo usava-se a dança como parte das celebrações e rituais, mas com passar do tempo perdeu-se, em virtude dos teólogos afirmarem que a dança desviava a atenção e sugeria ideias mundanas. Esse espírito sagrado da dança só foi resgatado por Bernhard Wosien (1908-1986), coreógrafo alemão, que pesquisou as danças folclóricas dos povos, e que descobriu a comunidade de Findhorn, na Escócia em 1976, “[...] onde um grande grupo de pessoas já estava vivendo em regime de comunidade há 15 anos, sob novos conceitos espirituais canalizados por seus fundadores [...]” (RAMOS, 1998, p. 181). Encontrou o grupo ideal, unindo-se ao mesmo, iniciou e retomou a vivência e o despertar do sagrado nas danças em círculo.

Há algumas poucas culturas que fazem a prática da dança como um meio de expressão espiritual. Wosien escreve acerca dos Dervixes-Mevlevi⁴

[...] a música e a dança são considerados como os meios que baseiam os exercícios espirituais e também como as possibilidades de expressão da aspiração à união com Deus. Nesse sentido, o bailarino que gira procura atingir aquela visão clara e luminosa que é considerada como ponto máximo da experiência mística divina. (2000, p. 121-122)

Nesse sentido, Ostetto (2015) cita Jung que afirma que as danças circulares permitem o exercício da imaginação ativa, pois:

[...] conduzem os participantes ao encontro do desconhecido presente nas diferentes culturas, tira-os do lugar, mostra-lhes outros lugares – neles e no mundo. Ao tomar contato com símbolos e rituais de diferentes culturas, quem está na roda da dança pode atravessar o inexplicável campo do mistério que é, também, o território da criação” (2015, p. 168).

A dança, como visto acima, é o espaço da criação, mas ao dançar também se desenvolve a conexão com o próprio corpo, ou seja, desenvolve-se o ato de estar presença, algo difícil nos dias de hoje. Como coloca Ostetto:

⁴ Tradição Turco-Islâmica, [na qual os dançarinos rodopiam por horas.](#)

[...] no girar da roda, gradualmente, é que o dançarino poderá ou não estabelecer conexão com a música, os passos, os outros dançarinos, harmonizando-se até conquistar o seu eixo, seu centro [...] (2009, p.13).

Complementando ainda, cita-se DeSola: “Talvez a dádiva mais importante da dança para nós resida na sua capacidade de nos unificar e tornar completos, unindo a nossa vida interior com a nossa expressão externa”. (apud, STEWART, 2016, p.203). Wosien, o pesquisador das danças dos povos, complementa a fala de DeSola, afirmando que a dança em roda “[...] doa-nos a onipresença que nela habita, de maneira que, na atuação conjunta do ritmo, melodia e compasso, as camadas mais antigas do fundo do poço da alma ganham nova vida, e como, por um toque de mito de outrora, fecundam criativamente o momento” (2000, p.120)

Existem vários autores que defendem a importância da dança circular, pois em virtude de ser circular, compreende-se que é dançada em grupos. Deste modo, acolhe a todos, incluindo as diferenças, e como afirma Rodrigues (1998) mais importante que o passo certo, é estar no ritmo certo, e aos poucos o iniciante vai entrando no ritmo do grupo. Stewart sintetiza a importância do círculo

O círculo cria solidariedade. Como para completar um círculo são necessárias mais de duas pessoas, ele cria comunidade. O círculo é a perfeita democracia; existe igualdade. O círculo proporciona um espaço protegido, consagrado e que tudo abrange. Ele não é linear, multidirecional e interminável. (2016, p. 219)

A autora Rodrigues também cita que, aos poucos o dançarino vai percebendo as mudanças que ocorrem consigo mesmo.

[...] Não é só o corpo físico que se torna mais leve, ágil, alegre, mas também a alma pois, assim como nos tornamos mais flexíveis em nossas articulações, também o fazemos em nossas reflexões. A forma retilínea de pensar vai se tornando mais ‘arredondada’, ‘espiralada’: o sentido de ‘um’ e do ‘todo’ está sempre presente (grifos do autor, 1998, p.53)

Finalizando esse pensamento de mudança que ocorre na dança, do constante movimento, cita-se o poeta Manoel de Barros “a expressão reta não sonha” (apud, Ostetto, 2009, p. 182). Ou seja, esse movimentar-se é fundamental para despertar a criatividade, a imaginação.

Seguindo o pensamento sobre a importância do grupo na dança, Rodrigues (1998, p. 51) afirma que: “Na Dança Circular nos colocamos um ao lado do outro tal qual elos de uma corrente, onde o centro é preenchido de luz”.

Complementando o que foi exposto acima, pode-se citar Blackmer

Por trás do esforço necessário para nos tornarmos dançarinos, da maneira como encaro o processo, reside o profundo anseio de ser admitido no tempo e no espaço sagrados, de abrir o corpo terreno e o que ele pode comunicar para uma energia etérea ou espiritual. A própria dança se torna, por um momento, o receptáculo para dentro do qual as energias sagradas podem fluir, um veículo para a manifestação dos deuses, as forças que aparecem na psique como imagens arquetípicas. (apud, STEWART, 2016, p. 202).

Vários autores, como: Rodrigues, Stewart, Ostetto entre outros, comungam a respeito da dança como meio de circulação energética divina. Rodrigues coloca que o ritmo e a sintonia comum do grupo permitem a elevação do fluxo e circulação energética, “[...] o próprio grupo se torna um canal, um “cálice” para a entrada da “Força” (1998, p. 52). Essa força, ela designa como uma vibração de energia diferente da energia do cotidiano. Assim ela continua escrevendo que, além do ritmo da dança harmonizar o dançarino, ela também proporciona uma imensa alegria “[...] uma alegria consciente, de amor benevolente e desapegado” (1998, p. 52). Concluindo o texto, ela coloca que é essa a energia de que a terra e o universo estão precisando. Segundo a autora ainda, os povos antigos já faziam uso desta sabedoria como meio de manifestar a alma humana, mas acima de tudo equilibrar a energia da Terra.

Stewart, ao responder a pergunta “por que dançamos?” assim escreve: “A dança é um canal espiritual, uma abertura de portais metafísicos e sensoriais. Toda dançarina conhece a sua meta: chegar ao ponto no qual o corpo deixa de ser um obstáculo e se torna o instrumento de expressão da alma, com o corpo e a psique trabalhando juntos”. (2016, p. 206).

Ao dançar em grupo, a individualidade é tão importante quanto o todo, ou ao mesmo tempo, insignificante, pois o grupo precisa entrar na mesma harmonia, não existindo mais o “eu”, mas sim “nós”. Kazantzákis poeticamente define “A dança mata o eu; e quando o eu está morto, não há mais nenhum obstáculo para que se concretize a união com Deus” (LORTHIOIS, 1998, p. 29).

O centro da roda também tem um destaque especial, é nele que convergem as energias, tanto do grupo, mas também referencia ao centro de cada dançarino. Enquanto dançamos nos voltamos ao centro da roda, mas que é meu centro também. Ostetto assim define “[...] O foco está no centro da roda que, com o passar da dança, de várias danças, vai impelindo ao encontro com o centro de cada um – seu eixo, seu equilíbrio. Danço a dança coletivamente, mas tenho o meu passo, marca do meu corpo, da minha história [...]” (2009, p. 182).

Encontrar o centro é o sentido da nossa existência. Para finalizar sobre a importância do centro, pode-se citar ainda Thorwald Dethlefsen

A lei do mundo é o movimento, a lei do centro é a quietude. Viver no mundo é movimento, atividade, dança. A nossa vida é um dançar constante ao redor do centro, um incessante circundar o Uno invisível ao qual nós – tal como o círculo – devemos a nossa existência. Viemos do ponto central – ainda que não o possamos perceber – e temos saudades dele. O círculo não pode esquecer a sua origem – também sentimos saudades do paraíso. Fazemos tudo o que fazemos porque estamos à procura do centro, do nosso centro, do centro. (apud, SOUZA, 2012, p.22)

Stewart, em seus escritos referencia, a dança como um meio de transcendência, e ao escrever sobre o tema, usa uma citação de Abendroth, que comenta sobre o êxtase e a unificação dos poderes da emoção, do intelecto e da ação:

Quando a interação desses poderes de repente acontece, o que é sempre improvável e raro, momentos extáticos são produzidos. São momentos de extrema leveza e liberdade; eles são acordes de energia celestiais tocados no frágil instrumento que é o corpo humano. Ninguém consegue se agarrar a esses momentos extáticos, o que é uma boa coisa, porque o êxtase não pode ser suportado por muito tempo. (apud, STEWART, 2016, p.269).

Seguindo os escritos, a autora apenas contextualiza o termo estado extático como um estado de profundo relaxamento. Em outro momento, quando a autora volta a referenciar a dança como meio de transcendência, ela comenta que a mente não consegue guiar os passos o tempo todo, pois ela vem de dentro para fora, “[...] é por meio da concentração acumulada de energia promovida pelo prolongado movimento ritual e físico que a mente é influenciada, abrindo-se a revelação intuitiva”. (Stewart, 2016, p. 277)

Wosien, ao escrever sobre sua experiência com a dança após anos se dedicando a ela, assim afirma: “[...] Para mim, a dança é uma mensagem poética do mundo divino [...] (2000, p.18).

Para complementar, cita-se Isadora Duncan,

Se buscarmos a verdadeira origem da dança, se formos à natureza, descobriremos que a dança do futuro é a dança do passado, a dança da eternidade, e que foi e sempre será a mesma [...]. Mas a dança do futuro terá que se tornar novamente uma arte religiosa elevada como era na época dos gregos. Porque a arte que não é religiosa não é arte, é mera mercadoria. (apud STEWART, 2016, p.185)

Esse termo religiosa, não necessariamente tenha que ter a intenção de relacionar-se à religião, mas com algo misterioso. Einstein já dizia: “A experiência mais bonita que podemos viver é a do mistério. Ele é alimento para a verdadeira arte e ciência.” Esse mistério também pode ser comparado à busca pelo sagrado, que é o que impulsiona o dançarino, e aproxima-o de sua própria essência.

Nesse sentido, é que se torna importante trazer esses conhecimentos também a educação, pois como Duvidovich (2016) conclui ao analisar vários artigos que abordam as Danças Circulares Sagradas e seus benefícios à educação, essa prática permite uma percepção de si enquanto totalidade, respeitando a pluralidade de corpos cada vez mais evidente, e muitas vezes condenados por uma educação que prima pela evolução da ciência e dissocia a mente do corpo, enquanto pretende padronizar os corpos e mentes. Ela cita:

Estudos recentes sobre a corporeidade humana buscam superar e refletir sobre a indissociabilidade entre as dimensões constituintes da unidade do ser humano. As Danças Circulares Sagradas se constituem como uma prática corporal possível e diferenciada, capaz de trazer a discussão da corporeidade e do corpo para o terreno do sensível e do encontro com o outro (*apud* BARCELLOS, 2016, p.43)

O corpo é terreno da aprendizagem, da expressão, de colocar o conhecimento em movimento e com isso encontrar o outro, e nesse encontro multiplicam-se os saberes, como Duvidovich (2016, p.43) escreve “Ao dançar, o corpo em movimento conta histórias, simboliza sentimentos e expressa tradições”.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em um tempo em que a sociedade está atravessando dificuldades e apresenta-se de forma líquida, como conceitua Bauman (2007), pois tudo se dissolve, nada permanece por muito tempo. Estamos imersos em padrões de comportamento, os quais seguimos e repetimos para fazermos parte e sermos aceitos pela sociedade da normose, conceito cunhado por Weil, Leloup e Crema (2016). Isso nos mostra a necessidade de buscar outros meios, ferramentas, jeitos de viver, para que observando entenda-se essa normose, e não se faça parte da mesma.

Nesse momento em que os estímulos são inúmeros e as transformações são extremamente rápidas, as mandalas são uma ferramenta para a busca do autoconhecimento e conexão para consigo mesmo. Enquanto os processos de criação são imagens que se repetem dentro de círculo, emanando do centro, fazem com que produtor e/ou apreciador aproxime-se e encontre o seu centro.

Por outro lado, as danças circulares sagradas são um movimento resgatado recentemente, e que vem aumentando gradativamente mundo afora, tornando-se pontos de luz nesse universo complexo. E a cada vez que se propõem um círculo, se comungam e compartilham momentos e emoções, importantes diante de um mundo extremamente individualizado.

Inicialmente, as pessoas de mãos dadas seguem passos repetidos, fazendo uso de uma técnica, até se entregarem ao balanço natural da vida, momento em que todos conseguem entrar na mesma sintonia. E quando acontece o encontro, transcende-se a técnica e amplia-se a luz interior, emanando mais luz ao universo.

E que mais pessoas descubram o prazer de entrar na roda e dançar, permitir se conectar, e assim, ir iluminando mais corações.

REFERÊNCIAS

AMARANTHUS, Grupo. **Mandalas – uso terapêutico**. Vinhedo, Trabalho de conclusão de curso, 2012. 44 p. Disponível em <https://www.humanitatis.com/media/user/downloads/24_tcc_mandalas_w0.pdf>. Acesso em 30 de mar. de 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas. **Dança Sagrada**- a celebração da vida. In RAMOS, Renata Carvalho Lima. Danças circulares sagradas. Uma proposta de educação e cura. São Paulo: Triom, 1998. P. 109-137.

COSTA, Ana Lúcia da. **Dança: uma herança à disposição de todos**. In RAMOS, Renata Carvalho Lima. Danças circulares sagradas. Uma proposta de educação e cura. São Paulo: Triom, 1998. P.19-27.

DUVIDOVICH, Marina Luar de Souza. **Dança Circular Sagrada e educação sensível**: um foco sobre produções acadêmicas. Piracicaba: Revista Impulso, p. 37-49, Maio-ago 2016.

EIDT, Marizilda M. Rodrigues. **Danças Circulares**: Um caminho para a Cura. In RAMOS, Renata Carvalho Lima. Danças circulares sagradas. Uma proposta de educação e cura. São Paulo: Triom, 1998. P.153-160.

FIORAVANTI, Celina. **Mandalas**. Como usar a energia dos desenhos sagrados. São Paulo: Pensamento, 2007. 152p.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9 ed. Guanabara: Koogan, 1987.

JUNG, Carl Gustav. O segredo da flor de ouro. Petrópolis: Vozes. 13 edição. 2011. 75p.

LELOUP, JEAN-Yves. **Normose e o medo de ser**. In, WEIL, Pierre; LELOUP, JEAN-Yves; CREMA, Roberto. Normose: a patologia da normalidade. Petrópolis: Vozes, 2016. P. 21-30.

LOSACCO, Victor. **Mandalas Terapêuticas: Seu Uso na Abordagem Transpessoal**. 1997. 17p. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d3/Mandalas_Terap%C3%AAuticas.pdf>. Acesso em 11 de mar. de 2018.

LORTHIOIS, Céline. **As danças circulares na roda da vida**. In RAMOS, Renata Carvalho Lima. Danças circulares sagradas. Uma proposta de educação e cura. São Paulo: Triom, 1998. P. 29-43.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Na dança e na educação: o círculo como princípio**. São Paulo: Educação e pesquisa. Vol 35, p. 166-176. Jan- abril 2009.

_____. **Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores**. Campinas: Cad. Cedes. Vol 30, p. 40-45. Jan- abril 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; BERNARDES, Rosvita Kol-. **Modos de falar de si, a dimensão estética nas narrativas autobiográficas**. Revista Pró-Posições. V.26, N1 (76). P.161-178. Jan-Abril 2015.

RAMOS, Renata Carvalho Lima. **Retorno à fonte**. In RAMOS, Renata Carvalho Lima. Danças circulares sagradas. Uma proposta de educação e cura. São Paulo: Triom, 1998. P. 175-197.

RODRIGUES, Gláucia Helena C. B. **Mudanças**. In RAMOS, Renata Carvalho Lima. Danças circulares sagradas. Uma proposta de educação e cura. São Paulo: Triom, 1998. P.45-55.

SOUZA, Maria Daniela Pereira de. **Mandalas ou Círculo Mágico**. Uma abordagem em contexto educativo. Lisboa: dissertação de mestrado, 2012. 242 p. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/viewFile/13184/9709>> Acesso em 23 de mar. 2018.

STEWART, Iris J. **A dança do sagrado feminino: o despertar espiritual da mulher através da dança, dos movimentos e dos rituais**. São Paulo: Pensamento, 2016. 344p.

WEIL, Pierre. **Introdução ao tema da Normose**. In, WEIL, Pierre; LELOUP, JEAN-Yves; CREMA, Roberto. Normose: a patologia da normalidade. Petrópolis: Vozes, 2016. P. 13-20.

WOSIEN, Bernard. **Dança: um caminho para totalidade**. São Paulo: TRIOM, 2000. 157p.